



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

POSTURAS E INTERFACES DO NOSSO COTIDIANO: FEMINISMO, IGUALDADE E RECONHECIMENTO.

Autora: Crispiniano, Monyke do Nascimento¹
monykmnc@gmail.com

Co- Autora: Queiroz, Maria Helena Tuanne²
helenaqueiroz93@gmail.com

Orientadora: LIMA, Rozeane Albuquerque³
rozeanelima@gmail.com

Introdução.

Esse texto surgiu no âmbito das primeiras formulações do trabalho de conclusão de curso, a pesquisa está em sua fase inicial, na sistematização de fontes. Todavia, escolhi apenas algumas fontes para a apresentação do tema.

O primeiro passo foi levantar algumas reflexões sobre o Portal Geledés tendo como eixos norteadores a questão racial e a questão de gênero e seus impactos na atualidade, evidenciando uma discussão sobre racismo e sexismo.

O site contempla muitas informações, sendo atualizado diariamente pelas tags propostas e, ao mesmo tempo, apresentando inúmeras lacunas, dentre elas a falta de atualização no que se refere à gestão, biografia, assim como a escassez da documentação das primeiras publicações do Geledés.

O Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo

presentes na sociedade brasileira. Sua criação tem como fundamento a igualdade de direitos.

¹Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista PIBID/CNPq. E-mail: monykemnc@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba. (UEPB). Bolsista/PIBIC. E-mail: helenaqueiroz93@gmail.com

³ Professora do Departamento de História- UEPB. Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: rozeanelima@hotmail.com



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O Geledés – Instituto da Mulher Negra foi criado em 30 de abril de 1988 e no dia 30 de abril de 2015 o Instituto completa 27 anos de criação. Desde sua criação já apontava para a necessidade de se trabalhar esse tema como forma de fazer avançar a luta anti-sexista e antirracista.

As atitudes de discriminação racial são diversas. Vão das falas aos olhares, aos muxoxos, aos risos de lado. O preconceito e a discriminação racial são parte de um todo chamado racismo: um sistema ideológico espreado e arraigado. O preconceito racial, então, diferente de outros tipos de preconceito, é motivado hipoteticamente pelo desconhecimento.

A imagem da mulher negra está muitas vezes relacionada à pobreza e à marginalização, duas palavras, entre tantas outras, que promovem e que norteiam as publicações de diversos pesquisadores relacionados ao Portal Geledés. Em sua história, a organização registra intervenções políticas nos âmbitos nacional, regional e internacional com o objetivo de denunciar o racismo existente na sociedade brasileira.

O site traz oficinas que provocam reflexões sobre a história e cultura africana, divulgando livros tais como: *Políticas de promoção da igualdade racial – 1986 a 2010* de autoria de Matilde Ribeiro, como também oficinas tais quais Tecendo e Trançando Arte.

O portal Geledés possui sete áreas de atuação. São elas: direitos humanos, educação, comunicação, saúde, mercado de trabalho, pesquisas e políticas públicas. Nessa perspectiva, as áreas de atuação prioritárias da ação política e social de Geledés são a questão racial e as questões de gênero, havendo as implicações desses temas com as áreas supracitadas.

Na tag questão racial, a aba é subdividida em quatro subtítulos: artigos e reflexões, violência racial e policial, Lei 10.639/03 e outras, e cotas raciais. De um modo geral, a aba da questão racial contempla vídeos que promovem debates sobre a questão do racismo enraizado na sociedade brasileira não obstante a miscigenação prevalecente no país mascare a desigualdade racial. Se problematiza o fato de que ser homem, jovem negro no Brasil é difícil,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e a mulher, que vivencia a falta de emprego entre outros problemas, as mulheres também lutam bastante, principalmente pela igualdade.

Vamos nos direcionar a um artigo publicado na aba sobre a Lei 10.639/2003. As publicações dessa aba começam a partir de 2009, havendo uma grande publicação de artigos referidos à História e Cultura Afro-Brasileira, o que é a Lei 10.639/03, para que serve e como se efetivou/a sua implementação. A Lei 10.639/03, que implementou a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana no contexto da educação básica, visibiliza, no sistema de ensino, a importância da memória dos africanos/as e seus/uas descendentes, e suas práticas culturais e sociais, significadas a partir de suas vivências, histórias de resistência, arte e cultura.⁴

Esta foi aprovada em 09 de Janeiro de 2003 pelo então presidente da República Luís Inácio Lula da Silva. A referida Lei também suscita, no seu âmbito, a importância de discutir as formas de efetivação da sua implementação. Essa Lei representa a vitória de anos de luta pela valorização e reconhecimento do patrimônio da humanidade legado pela África e sua diáspora.

Há no portal, a preocupação em contemplar projetos que estimulem a aceitação das crianças da maneira que são para que não sintam vergonha da beleza negra e da sua identidade. No entanto, surge a seguinte questão: será que os professores estão seguindo corretamente, trabalhando a História de negros/as de uma forma ampla e não se detendo apenas aos pouquíssimos detalhes e iconografias presentes em alguns livros didáticos?

Sabemos que o livro didático é um produto cultural dotado de alto grau de complexidade e que não deve ser tomado unicamente em função do que contém sob o ponto de vista normativo. Os livros didáticos não são somente ferramentas pedagógicas, mas também suportes de seleções culturais variáveis, verdades a serem transmitidas às gerações mais jovens.⁵ Todavia, a escola como um território habitado por híbridas identidades culturais, campo sonoro de vozes formadoras dos discursos de reafirmação e/ou contestação

⁴Plano Nacional da Educação de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação nas relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.

⁵ MIRANDA, Sonia Regina. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, n 48, p. 123-144, 2004



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de relações, constitui, desse modo, um ambiente favorável para identificar, reconhecer e compreender as “diferenças” existentes. Vejamos o texto a seguir:

E quando a mulher negra é a professora?⁶

Enquanto participava de um curso de extensão Relações Étnicas Raciais e Educação, a Viviana Santiago foi convidada a desenvolver numa escola de ensino fundamental um projeto que tratasse desse tema, elaborando junto com uma amiga um projeto intitulado (Re) Descobrimos a África que está em nós. Todavia, houveram algumas situações na qual a Viviana Santiago passou que é notória no âmbito educacional brasileiro e que nos serve como exemplo.

Ao chegar em sala de aula e até mesmo na escola na qual iria começar seu projeto, as crianças corriam as janelas da sala e, às gargalhadas apontavam, sorrindo, gritando e falando do seu cabelo. Algo que a marcou profundamente enquanto mulher negra e professora.

A falta do ensino de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares faz com que as crianças criem uma imagem do negro, da cultura negra, da beleza negra contrária. Para tanto, foi necessário haver um diálogo em sala de aula para que as crianças se acalmassem juntamente com seus risos, na qual a professora trouxe provocações para seus olhares e dúvidas que lhe possibilitem enxergar mais.

Por mais que os risos dos alunos causem uma tristeza imensa e que situações como essa, nos causem impacto e até mesmo um certo incômodo, o professor com toda sua experiência e profissionalismo tem que saber e ter paciência para deter a uma reflexão sobre alguns conceitos como racismo, raça, autoestima, cidadania, ações afirmativas, religiosidade, identidade étnico-racial, ancestralidade, oralidade étnico-racial, resistência, gênero e sexualidade, entre outros, para dar sustentação às novas intervenções na área educacional.⁷

⁶<http://www.geledes.org.br/e-quando-mulher-negra-e-professora/#axzz3XrLxDZAJ>

⁷Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008, p. 22.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Contudo, percebemos a imagem de uma mulher negra com alta escolarização, independente mas que nos dias atuais, principalmente na escola foi vítima de preconceito.

Na tag questões de gênero, o Geledés alinha-se à agenda feminista, trabalhando contra a violência doméstica e sexual da mulher, pela realização da igualdade no mercado de trabalho, pela descriminalização do aborto e contra os estereótipos e estigmas que se reproduzem sobre as mulheres nos meios de comunicação. Posiciona-se também contra outras formas de discriminação como a lesbofobia e a homofobia. No entanto, vamos direcionar como fator primordial desse artigo a aba de Mulher negra.

As primeiras publicações dessa aba, que ocorreram em meados de 2009, giram em torno de contar um pouco da história de inúmeras mulheres negras que fazem parte da História, não apenas em um cenário local, mas mundial. Posteriormente, as publicações passam a falar do aborto, assim como sobre as empregadas domésticas. Nessa aba há muitas publicações sobre a afirmação da identidade, da valorização e discriminação de cabelos crespos e cacheados. Tais publicações foram escritas não apenas para contarmos uma história, um problema da sociedade contemporânea, mas tem também o intuito de provocar em pesquisadores, educadores e afins, reflexões sobre suas próprias experiências, constrangimentos e momentos de afirmação.

A maioria de quem publica são pesquisadores, educadores, de áreas diferentes, negros ou brancos, mas que tem o interesse em falar um pouco do que acontece no cotidiano. No entanto, vejamos duas situações de artigos publicados no Portal Geledés.

1 artigo: “Burra e feia”. Assim falou o racista.

“Sou uma jovem negra de alta escolaridade. Sou assistente social formada em uma universidade pública e era uma das poucas mulheres negras no mestrado. Sou uma

⁸ Nathália Diorgenes é assistente social, mestra em psicologia, feminista negra e militante da Marcha Mundial de Mulheres em Pernambuco.

⁹<http://www.geledes.org.br/burra-e-feia-assim-falou-o-racista/#axzz3XrLxDZAJ>



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher independente financeiramente desde muito cedo. Tenho um bom emprego e um bom salário. Mas nada disso me impede de sofrer racismo cotidianamente. Nada disso me impediu de ser chamada de feia de burra por um racista em uma mesa de bar. Nada disso me impediu de sofrer violência. Imagina o que acontece com as mulheres negras da periferia que são ainda mais invisibilizadas.”

Nathalia Diorgenes⁸. Portal Geledés.⁹

Tudo começou com uma simples discussão sobre política em uma mesa de bar e terminou em momentos de constrangimento, sendo questionada e atingida verbalmente por conta da sua cor e cabelo por um homem branco na qual fez a seguinte colocação- “e esse cabelo? Tem uma tesoura ali no meu carro pra você cortar”. Percebemos, o quanto o cabelo incomoda, o quanto ser uma mulher negra que senta em uma mesa de bar e fala sobre política ou que tenha alguma opinião incomoda, principalmente porque esses comportamentos e imagem nas quais formam opinião.

Ser chamada de “BURRA, FEIA E CABELO DE FUÁ” para quem está como sujeito observador da cena, emerge uma dor coletiva, imaginem a dor para a pessoa que vivenciou essa situação. A discriminação racial na vida das mulheres negras é constante; apesar disso, muitas constituíram estratégias próprias para superar as dificuldades decorrentes dessa problemática. Porém, esse texto nos fez remeter à imagem de uma mulher negra, independente, com alto grau de escolarização numa sociedade contemporânea mas que tornou-se “invisível” naquele momento por um discurso opressor.

Agora continuando com a abordagem racial e das dificuldades enfrentadas por atos preconceituosos, vamos nos deter a um breve “depoimento” de uma realidade concebida por uma criança e uma mãe:

Um breve relato.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“Sempre desejei que meus filhos soubessem que o valor deles independe de cor ou posição social, uma vez que são negros e pobres. Por isso quando minha menina contou-me que um garoto na escola disse que ela era feia porque era negra, minha primeira pergunta foi: Minha filha, você gosta de ser negra? Minha pequena de apenas sete anos na época, pensou demorado e respondeu que não sabia. Mas eu sabia bem o que aquilo significava, se eu como mãe não ajudasse minha pequena a compreender que ser negra não era demérito nenhum, onde aprenderia? Então comecei em casa um "trabalho" com meus filhos, chamei meu filho (que é mais clarinho) e mostrei no espelho que ele tinha nariz largo, lábios grossos, e embora seu cabelo não fosse tão crespo quanto o da irmã, ele era tão negro quanto ela. Meu filho ficou chocado, e eu também, pois ele de fato não sabia que era negro! A Barbie Afro foi só parte de meu trabalho de mãe, pra corrigir o que a sociedade ensina e/ou deixa de ensinar a meus filhos. Tenho a grata satisfação de dizer que já não me preocupo se meus filhos vão sofrer preconceito lá fora, porque eu sei que lá dentro deles, agora sabem quem são e gostam disso!”
Por Flávia de Oliveira Alves.¹⁰



A autoria da imagem é concebida por ALVES, Flávia de Oliveira. Abril de 2015.¹¹

Precisa-se de atitudes como essa, de além dos professores os próprios pais sentarem e conversarem com seus filhos, cuja importância de mostrar que a cor que possuem ou a classe social que pertencem não significa e nem tampouco mostra o valor que o indivíduo possui. Ao longo do artigo, nos deparamos com o incentivo de trabalhar nas escolas e reforçar a Lei 10.639/03 já com o intuito de que situações tais como essa que a criança vivenciou não venha a continuar.

¹⁰ O referido texto foi escrito pela professora de Língua Portuguesa.

¹¹ As imagens pertencem a Flávia de Oliveira Alves, as mesmas foram retiradas da rede social (Facebook) com o termo de consentimento da criadora.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Através desse discurso, foi produzida uma reformulação da Barbie. Primeiramente a mãe junto com sua filha picotou o cabelo da boneca e então começou a transformação, utilizando cola, maquiagem, retalhos e cabelo sintético, nascendo assim a Barbie Afro. De acordo com o artigo apresentado, nas questões que foram abordadas não esqueçamos que o cabelo é toda a memória, ancestralidade e força que representa na mulher negra e que o mesmo continuará presente mesmo que se tenha “olhares e risos”. A atitude e o “início” de projeto realizado pela mulher negra, professora e mãe resultou na compreensão de sua filha sobre suas origens, acarretando por fim ... “sorriso”, ainda assim mostrando que existe várias belezas na mulher.

Por fim, no Portal Geledés nos deparamos com um artigo sobre a temática, que abrange a questão da Boneca Preta:

A mãe da criança chama o vendedor e fala:

“- Oi? Nossa! Por que vocês insistem em vender essas bonecas? As crianças não gostam! Boneca tem que ser loirinha !!!”

Portal Geledés.¹²

Analisando essas duas questões: a criatividade de uma mãe para ensinar sua filha e um desabafo de uma negra, observamos que esses problemas ocorrem diariamente. É a questão na compra dos brinquedos, das escolhas das bonecas para nossas filhas, da maneira que a mídia impõe a imagem do que é belo e qual padrão aderir na sociedade, assim como a maneira que somos tratados em sala de aula. Cabe a nós ensinarmos e lutarmos para que certos tabus sejam desconstruídos.

Considerações Finais

¹²<http://www.geledes.org.br/boneca-preta-por-vanessa-pereira/#axzz3Y8rUn9JC>



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O Geledés traz inúmeros artigos que tratam as duas questões que norteiam o site: a questão racial e a questão de gênero. O Portal abre a possibilidade de se fazer inúmeras pesquisas e projetos. O nosso intuito foi fazer uma análise do Portal Geledés, abordando os pequenos casos de racismo. Selecionamos artigos nas quais mostram mulheres negras com alto grau de escolarização mas que mesmo assim ainda sofrem algum tipo de preconceito por um discurso opressor, mulheres que assumem sua beleza negra, mulher mãe e professora que preocupa-se com a posição de seus filhos, mulheres que acima de tudo erguem a cabeça e desmitificam certos tabus. Por fim, nos detemos da importância de trabalhar esses contextos em sala de aula, de usos de táticas no cotidiano para haver um aumento de afirmação, reconhecimento e valorização.

Bibliografia

Plano Nacional da Educação de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação nas relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.

MIRANDA, Sonia Regina. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n 48, p. 123-144, 2004.

Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagem para a educação étnico-racial na educação infantil, ensino fundamental e médio / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2008, p. 22.

Desigualdade de gênero, raça e etnia. (Organizada) pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). – Curitiba: Ibpx, 2009, p. 179. In: _____ SALAINI, Cristian Jóbi. Sobre as teorias raciais. Curitiba: Ibpx, 2009, p. 101-113).

Links:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

<http://www.geledes.org.br/e-quando-mulher-negra-e-professora/#axzz3XrLxDZAJ>

<http://www.geledes.org.br/burra-e-feia-assim-falou-o-racista/#axzz3XrLxDZAJ>

<http://www.geledes.org.br/boneca-preta-por-vanessa-pereira/#axzz3Y8rUn9JC>